

O PROFESSOR

Ayrton César Marcondes
Médico e Professor de
Biologia.

Noite. Os transportes coletivos estão em greve, caos do trânsito, a sobrevivência da cidade é um milagre, buzinas orquestram a rotina dos faróis.

Chuva miúda menstruando para-brisas de faces neurotizadas, câmbio negro de emoções em alta, um paralítico goteja muletas no asfalto duro, toc-toc.

Jornais aunciando intervenção da força, flamejando insegurança, inflação corronpendo o trabalho.

Um bancário de terno verde janta plácidamente o seu sanduíche atrás dos óculos escuros, o guarda fosforescente sinaliza o caos com o capacete.

A repressão ameaça sair da quarentena.

CENA SEM CORTES:

LOCAL: Sala de aula, dez andares acima da confusão.

O professor de avental branco esbraveja:

- Objeto direto.

A platéia são oito alunos que bocejam em carteiras esparsas.

- A língua portuguesa em declive nunca esteve tão morta como agora.

O professor esgrima com bravura, dirige-se a uma multidão invisível, o som grave de sua voz ao microfone reverbera nas carteiras vazias.

Instala-se uma galáxia entre suas palavras e a compreensão deste público feito de comerciantes, bancários, vigias, secretárias de coxas gastas.

O professor é um homem estranho. A barbicha encobre a cara suada e a vida marcada. Não tem nome, é melhor esquecer seu passado remoto, o seu futuro é um quebra-cabeças insolúvel.

Vai falando com automatismo, diz coisas em que não pensa, o espírito vaga noutra dimensão, a cultura de consumo o abomina, este não é o seu verdadeiro público, um ator de vulto em picadeiro menor.

Enquanto fala a platéia ressona indiferente.

A chuva aumenta, o trânsito definitivamente parou.

Uma criança vomita pela janela de um Alfa-Romeu.

Uma grávida troca o peneu de seu carro sob o olhar complacente do guarda.

O motorista de táxi assoa o nariz.

Seria melhor um black-out.